Homilias sobre Ezequiel de São Gregório Magno (540-604)

Trad. Gustavo Cambraia Franco



Abertura de versão latina dos Evangelhos, feita na Irlanda por volta do ano 800; as imagens simbolizam os quatro Evangelistas (o homem, São Mateus; o leão, São Marcos; o touro, São Lucas e a águia, São João).

Homila IV (Ezequiel, cap. 1, v. 10 ss.) [1]

"O seu semblante era assim: rosto de homem pela frente e face de leão à direita, em todos os quatro, face de touro à esquerda, em todos os quatro, e face de águia nos mesmos quatro. Tais eram seus rostos. As suas asas estendiam-se para o alto; duas asas de cada um

---

[1] Versões utilizadas: J.-P. Migne. PL76, 1849; Les Homélies de Saint Grégoire, pape, sur Ezéchiel. trad. en français par Pierre LECLERc. Paris, Lottin, 1747, pp. 110-134.

juntavam-se, e duas cobriam os seus corpos. Cada um deles caminhava segundo a direção do seu rosto."

O Espírito Santo, que enchia a alma do profeta, fê-lo descrever de uma maneira admirável esses quatro animais com suas asas, a fim de que essa descrição nos fizesse melhor ver que eles são verdadeiramente a figura dos quatro Evangelistas e que a Palavra divina não deixa em nosso espírito nenhum lugar para a dúvida. Eis como esse santo homem fala: "*O seu semblante era assim: rosto de homem pela frente e face de leão à direita, em todos os quatro, face de touro à esquerda, em todos os quatro, e face de águia nos mesmos quatro."* Basta-nos abrir o Livro dos Santos Evangelhos para entender que estes quatro animais misteriosos nos representam perfeitamente os quatro Evangelistas. Quando nós vemos que São Mateus começa seu evangelho pela geração humana do Filho de Deus, estaremos totalmente de acordo que, com razão, ele representa-se a nós sob a figura de um homem. Por sua vez, São Marcos nos é representado sob a figura de um leão, pois começa seu evangelho com a pregação de São João Batista clamando no deserto; e que o touro, que é uma vítima ordinária, convém perfeitamente à São Lucas, que começa pelo sacrifício que oferece Zacarias. Enfim, a águia nos representa admiravelmente São João, que começa com essas palavras: *No Princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*. Elevando seu olhar diretamente para a própria substância da Divindade, ele é como uma águia que fixa os seus olhos no sol. Uma vez que todos os eleitos são membros de Jesus Cristo, nosso Redentor, dos quais Ele é o chefe, nada impede que possamos aplicar a esta divina cabeça aquilo que convém aos seus membros. O Filho único de Deus fez-se verdadeiramente homem e quis ser oferecido por nós como uma vítima no sacrifício de nossa redenção. Ele apareceu, também, forte como um leão, ressuscitando a si mesmo por sua virtude. O leão mantém os olhos abertos enquanto dorme, e Jesus Cristo também foi semelhante nisso, pois enquanto sua humanidade dormia na morte, Ele manteve os olhos abertos e sua divindade imortal permaneceu sempre

vigilante. Enfim, ao subir ao Céu após a ressurreição, pode-se dizer que foi semelhante a uma águia que se eleva acima de tudo. Todas essas figuras são semelhantes a nós, que nascemos homens e morremos vítimas como o touro, e ressurgindo como o leão, ascendemos ao céu como uma águia. Uma vez observado que os quatro animais acima descritos são figuras dos quatro evangelistas, e também figura de todos os perfeitos, resta-nos observar de que maneira cada eleito é representado sob estas figuras.

2. Todo aquele que é eleito e qualquer um que queira caminhar perfeitamente pela via de Deus, deve ser ao mesmo tempo Homem, Touro, Leão e Águia. O homem é um animal racional; o touro, ou vitela, é uma vítima que se imola no sacrifício; o leão é o mais forte dos animais, segundo o testemunho do Sábio, quando diz: *O leão, o mais forte dos animais, que de nada do que encontra tem receio* (Prov. 30: 30). A águia de eleva ao mais alto dos ares e olha fixamente para o Sol, sem que seus olhos se ofusquem. Assim, todo aquele que usa perfeitamente a sua razão, é um homem. E como se imola continuamente a Deus por sua mortificação, privando-se de todos os prazeres do mundo, ele é uma vítima. A força que ele testemunha nessa mortificação voluntária, contra tudo aquilo que pode se opor ao seu propósito, faz com que mereça o nome de leão, segundo o que está escrito: *O justo é forte como um leão, não tem receio de nada* (Prov. 28: 1). Como ele também se eleva pela contemplação até as coisas celestes e eternas, ele é verdadeiramente uma águia. Assim, dado que cada justo é um homem pela razão, uma vítima pela mortificação, um leão pela sua força plena de confiança, e uma águia pelo vôo da contemplação, é com grande razão que se pode dizer que estes animais são figuras dos perfeitos; e eu não creio que após esta explicação, haja alguém que possa encontrar algum mal no fato de que aplicamos aos perfeitos o que dissemos sobre os animais.

3. Mas resta-nos uma dificuldade ainda maior, que é mostrar como, e isto encontra-se nos mesmos Evangelistas e nos santos pregadores, que o homem e o leão se encontram à direita destes mesmos animais, e que o touro está à esquerda. Pois não é sem mistério que se coloca os dois primeiros animais à direita e este à esquerda. Mais que isso, devemos examinar porque não está dito que a águia se encontra à direita ou à esquerda, mas que ela se eleva acima destes quatro animais. Dessa forma, temos duas questões que devemos responder, e é isso que tentaremos fazer com a assistência do Senhor.

O homem e o leão estão, pois, à direita e a vitela ou o touro, à esquerda; pois a direita representa as coisas felizes e agradáveis, e a esquerda as coisas tristes e infelizes. De onde vem que, em latim, chama-se *sinistrum* a palavra que significa a esquerda, e aquele que é infeliz ou traz consigo alguma infelicidade. Nós já vimos que o homem é o signo da Encarnação, o touro da Paixão, ao passo que o leão figura-nos a ressurreição. Ora, a Encarnação do Filho único de Deus, pela qual nós fomos comprados, encheu de alegria todos os eleitos; sua morte, ao contrário, encheu de tristeza os santos Apóstolos que foram os primeiros dentre os eleitos e sua ressureição encheu-os de alegria. Como o nascimento e a ressurreição do Salvador encheram os discípulos de uma grande alegria, ao passo que sua Paixão os afligiu; o homem e o leão estão à direita, e somente o touro está à esquerda, para nos mostrar que os santos Evangelistas regozijaram por sua Encarnação e que foram confirmados nessa alegria por sua Ressurreição, após serem acabrunhados de dor por sua Paixão. Eis a causa pela qual o homem e o leão estão à direita e que somente o touro está à esquerda. Mas ainda é importante observar que não se diz que a águia vai de um lado para o outro, mas que ela se eleva para o alto, porque ou que a tomemos como figura de Sua Ascensão gloriosa ou que ela nos indica que o Verbo do Pai está no Pai e é Deus como Ele, o santo Evangelista que nos relata essas maravilhas, foi elevado acima dos outros pela força de sua contemplação; e ainda que nos fale

de sua Divindade conjuntamente com os demais, ele se eleva, entretanto, mais do que eles para contemplá-la de uma maneira mais particular. Mas se a águia, ao se ajuntar ao demais animais torna-se o quarto animal, é surpreendente ver que a Escritura diz que ela está acima dos quatro, se não é para nos fazer entender que São João, ao descobrir o Verbo na sua geração eterna, foi elevado acima dele mesmo assim como acima dos outros, e que dessa forma ele não ultrapassou somente três, mas quatro, pois ele é justamente o quarto.

4. Está dito em seguida: *Tais eram suas faces; suas asas estendiam-se para o alto.* Estes animais estão representados com sua cabeça e suas asas estendidas para o alto, porque toda intenção e contemplação dos santos devem tender a elevá-los acima deles mesmos, a fim de que possam alcançar as alegrias das coisas celestes que eles desejam com ardor; sejam elas difundidas pelas boas obras ou recolhidas na contemplação, não podem ser verdadeiramente um bem se aqueles que o fazem não se esforçam para agradar unicamente Àquele de quem receberam o ser. Assim, aquele que parece fazer boas obras, e que por elas procura agradar mais aos homens do que à Deus, tem o seu rosto, isto é, sua intenção virada em direção a terra. Há, ainda, aquele que lê a Santa Escritura e aplica-se em procurar tudo o que é dito da Divindade, a fim de aquilo que ele descobre o permita destacar-se na disputa, pois ele não se propõe tanto em alimentar-se da inefável doçura da beatitude, mas de parecer sábio. Desta forma, ele não estende para o alto as asas de sua inteligência, mas colocando toda a sua atenção em satisfazer uma paixão baixa e terrena, ele abaixa suas asas para a terra, em lugar de elevá-las, a fim de elevar-se a si mesmo para o Céu. Deve-se bem entender, que em todos os bens que praticamos nossa intenção deve estar sempre dirigida ao céu; pois aquele que pretende alcançar uma glória humana com suas boas obras é como um animal que anda com a cabeça baixa e que arrasta suas asas. Por isso, disse um Profeta acerca de tais pessoas: *Eles trazem*

suas vítimas para baixo[2] (Oseias 5: 2). Nossas vítimas são propriamente nossas lágrimas, segundo o que está escrito: *O espírito aflito é o sacrifício que Deus exige* (Sl 50: 19). Mas há aqueles que oram com grandes súplicas, ou para obter alguma vantagem temporal ou para parecerem santos diante dos homens. Não é visível que estas pessoas trazem suas vítimas para baixo, uma vez que o que buscam não são senão coisas baixas e perecíveis? Pode-se dizer que elas trazem para baixo o sacrifício de suas orações. Os Eleitos, pelo contrário, não possuem outro desejo senão o de agradar a Deus por suas boas obras e por tudo aquilo que eles procuram em sua contemplação, a fim de começar a se alimentar, desde aqui em baixo, da beatitude eterna; eis porque eles têm sempre a cabeça e as asas dirigidas ao céu.

5. O Profeta acrescenta: *Duas asas de cada um juntavam-se e duas cobriam os seus corpos* (v. 11). Ele disse anteriormente: *suas faces e suas asas estendiam-se para o alto*; e então acrescenta que *duas dessas asas juntavam-se*; de onde deve-se entender que duas de suas asas estavam estendidas, e que elas juntavam-se para o alto, ao passo que as duas outras asas cobriam os corpos. Devemos, portanto, examinar com cuidado quais são as quatro asas desses animais, das quais duas estavam estendidas e juntavam-se para o alto e as duas outras cobrindo seus corpos. Pois se prestarmos atenção, veremos que há quatro virtudes que servem para nos elevar acima de todas as coisas da terra. Duas dessas virtudes têm por objeto o futuro, ou seja, o amor e a esperança, e duas dizem respeito ao passado, ou seja, a penitência e o temor. Assim, as duas primeiras se estendem para o alto e se juntam, pois o amor e a esperança conspiram juntos para elevar o espírito dos santos em direção ao céu. E não é sem grande razão que é dito que elas se juntam, pois os santos amam os bens celestes que eles esperam, e ao mesmo tempo, esperam aquilo que eles amam. Mas há ainda as duas outras asas que

---

[2] O profeta faz alusão ao que faziam muitos judeus, que ao invés de levarem suas vítimas sobre a montanha de Sião para imolá-las a Deus, eles levavam para baixo da montanha, para imolá-las ao demônio.

cobrem os corpos, pois o temor e a penitência escondem todos os pecados passados dos olhos de Deus. Com efeito, a lembrança de suas faltas os fazem retornar ao temor e leva-os a chorá-las. Que outra coisa fazem senão cobrir seus corpos, pois que cobrindo as ações carnais e vergonhosas pelas boas obras eles escondem-nas e desviam-nas do exame rigoroso que deve delas ser feito? É por isso que está dito: *Feliz aquele cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados estão cobertos* (Sl 31: 1). Cobrir os pecados é colocar muitas boas obras por cima deles. Tudo aquilo que é coberto está em baixo e tudo aquilo que cobre está em cima. Portanto, como detestamos o mal que fizemos, e abraçamos o bem que queremos fazer, nós colocamos uma rica cobertura sobre a coisa que temos vergonha de descobrir.

6) Embora o mais santo que se possa ser nesta vida, sempre há em nós coisas as quais devemos cobrir aos olhos de Deus pelas boas obras, uma vez que é impossível não cometermos sempre alguma falta, ou em nossas ações, ou em nossas palavras, ou em nossos pensamentos. Eis porque o santo homem Jó, após ter dito coisas que pareciam de uma grande perfeição diante dos homens, vindo a escutar a voz de Deus, acusa-se daquilo que ele disse de melhor, e acrescenta: *Eu coloco a mão sobre minha boca* (Jo 39: 34); pois a mão significa a ação, como a boca significa a palavra. Assim, colocar a mão sobre a boca é propriamente cobrir, pelas boas obras, os pecados que se pode cometer falando.

Permitam-me, meus caríssimos irmãos, confirmar-vos o que eu já disse aqui pelo exemplo do mestre das nações, e de vos fazer ver que este santo animal está cercado de quatro asas, por duas das quais ele procura se elevar ao alto, enquanto que as outras duas lhe servem para cobrir seu corpo, e esconder as ações de sua vida passada. Vejam como é grande e ardente seu amor, que o eleva ao céu. *Jesus Cristo*, diz ele, *é minha vida e a morte para mim é lucro* (Fil. 1: 21). Vejam ainda, como é firme e grande sua esperança, que o mantém nesta

elevação: *Nós vivemos já no céu,* diz ele, *como seus cidadãos, e é de lá que esperamos o Salvador e Senhor Jesus Cristo* (Fil. 3: 20). Mas vejam ainda, se lhe falta o temor em meio a tão grandes virtudes: *Castigo o meu corpo e reduzo-o à escravidão, para que não suceda que, tendo pregado aos outros, eu mesmo venha a ser eliminado* (1 Cor. 9: 27). Considerem, também, se ele não sentia dor pelos males que cometeu: *Eu sou o menor dos Apóstolos, que não sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus* (1 Cor. 15: 9).

Que maior condenação podemos ver de nossa dureza que essas palavras? São Paulo chora as faltas que ele cometeu antes de seu batismo; quanto a nós, não temos lágrimas para chorar os pecados que cometemos depois do batismo! Consideremos, portanto, que esses animais misteriosos se servem destas quatro asas, pois se elevam ao céu pelo amor e pela esperança, e que eles choram suas faltas passadas pela penitência e pelo temor.

7. Mas quando ele diz: *Duas das asas de cada animal juntavam-se*, talvez não queira dizer que cada um juntava suas próprias asas ao elevar-se, mas que as asas de um tocavam as do outro; de sorte que essas asas se elevavam e se estendiam de uma parte a outra, juntando-se e tocando-se. Sobre isso, pode alguém fazer o seguinte questionamento: Se, de acordo com o que dissemos, as duas asas com as quais os animais voavam são o amor e a esperança, e as duas que cobrem seus corpos são a penitência e o temor, porque se diz que as duas asas que elevam-se, também tocam-se, e que a mesma coisa não é dita daquelas que cobrem o corpo? A resposta é fácil, e eu espero com a graça de Deus fazer-vos brevemente compreender. Nós vimos, por exemplo, que Davi, tendo caído em um pecado da carne (1 Rs. 12: 13), pelo temor do julgamento de Deus, aflige-se pela penitência. São Pedro, por sua vez, após ter negado seu mestre, retira-se e chora amargamente sua falta. São Paulo deplora em si mesmo a crueldade que exerceu contra os cristãos. No entanto, esses ilustres penitentes possuem

um mesmo desejo de entrar na pátria celeste, e procuram todos se reunir naquele que é o único criador de todos. Desta forma, duas de suas asas são reunidas e as outras duas não o são: porque se considerarmos seu amor e sua esperança, eles não tendem senão a um mesmo objeto; mas se considerarmos a penitência e o temor, os pecados que cada um deplora são diferentes.

8. O Profeta diz em seguida: *Cada um deles caminhava segundo a direção (presença) de seu rosto* (Coram facie sua ambulabat). Foi dito a mesma coisa anteriormente (Ante faciem suam gradiebatur). De maneira que parece não ser senão uma repetição do mesmo pensamento. No entanto, dado que o termo "coram", do qual ele se serve aqui, indica particularmente a presença da pessoa, talvez se quisermos procurar as coisas com maior exatidão, veremos que uma coisa é caminhar diante de sua face (ante faciem suam), e outra coisa caminhar na presença de sua face (coram facie sua). Pois caminhar diante de sua face é avançar diante de si, e caminhar na presença de sua face é ter sempre o espírito presente naquilo que se faz, e jamais distrair-se nem sair de si mesmo. Assim, todo homem justo que considera atentamente seu andar, com grande cuidado de examinar se avança todos os dias na virtude, ou ainda, se não recua. De maneira que pode-se dizer que estando sempre presente em si mesmo, ele caminha em sua presença (coram facie sua), pois que tem sempre os olhos abertos para ver se ele cai ou se levanta. Há aqueles que, ao contrário, não vigiam frequentemente sobre si mesmos, e que não querem se esforçar para examinar nem suas ações, nem suas palavras, nem seus pensamentos; ou mesmo que não é capaz, nem caminha na presença de sua face, pois não conhece a si mesmo, nem em seus costumes nem em suas ações. Há aqueles, ainda, que não cuidam de bem examinar-se todos os dias e de avançar no conhecimento de si mesmo; este não está em presença de si mesmo. Mas está verdadeiramente na própria presença aquele que se representa sempre o que faz, e que se olha como olharia outro nas mesmas ações.

9. Pois nós cometemos todos os dias muitos pecados que não nos parecem consideráveis; porque estando cheios de amor próprio, bajulamo-nos a nós mesmos para enganarmo-nos cegamente em tudo aquilo que fazemos. Esta é a causa pela qual, frequentemente, nossos maiores pecados nos parecem leves, ao passo que as menores faltas do próximo nos parecem enormes. Assim está escrito: *Haverá homens egoístas (amadores de si mesmos)* (2 Tim. 3: 2). Nós sabemos que nada torna o coração mais cego que o amor próprio. De onde advém que as coisas que as coisas que nos parecem não ser nada quando nós a fazemos, parecem-nos monstruosas quando o próximo vem a cometê-las. Mas de onde vem uma tão grande diferença de julgamento sobre as mesmas coisas, senão por causa que o amor que temos por nós mesmos e aquele que temos pelos outros são muito diferentes? Com efeito, se não tivéssemos por nós a mesma consideração que não temos pelos outros, veríamos claramente aquilo que se repreende em nós. Ao contrário, se tivéssemos pelos outros a mesma consideração que temos por nós mesmos, jamais diríamos que aquilo que ele faz é insuportável, nós que, talvez, fazemo-lo frequentemente, mas sem crer que tenhamos feito nada de insuportável ao próximo. É essa distração de espírito e esta diferença de julgamento que Moisés quis corrigir na lei, defendendo que justa deveria ser a medida das coisas secas e líquidas (Lev. 19: 36). Por isso, disse Salomão: *Dois pesos e duas medidas são duas coisas abomináveis diante de Deus* (Prov. 20: 10). Quando o mercador tem dois tipos de pesos, um mais forte e o outro mais fraco, o mais forte serve quando se trata de seu interesse, e o mais fraco quando ele pesa algo para o seu próximo. O mais leve ele usa quando se livra da mercadoria e o mais forte quando ele a recebe. Assim, quem quer que julgue seu próximo de outra forma que si mesmo, tem dois pesos, que são um e outro abomináveis diante de Deus. Aquele que ama o próximo como a si mesmo, amará tanto o seu bem quanto o do próximo; e se ele se considera com os mesmos olhos com que olha seu próximo, ele julgará a

si mesmo em suas faltas com a mesma severidade com que costuma julgar o próximo. Nós devemos, portanto, considerar-nos da mesma maneira que consideramos os outros, e como eu já disse, nós devemos ter sempre presente a nós mesmos, a fim de que, imitando sem cessar os animais que possuem as asas, caminhemos sempre na presença de nós mesmos, temerosos de não pensarmos constantemente naquilo que fazemos. Os perversos, ao contrário, como eu já vos fiz ver, não caminham *na presença de sua face*, pois não consideram jamais aquilo que fazem, e tendo prazer nas suas más ações, correm diretamente para sua total ruína. Por isso, disse Salomão: *Eles se alegram por terem feito o mal e se regozijam na perversidade* (Prov. 2: 14). E frequentemente, o justo que os vê chora por eles, mas são tolos que riem daquilo que os outros deploram neles.

10. Há ainda outros, que doam muitas esmolas; mas se a ocasião se apresenta, eles oprimem os pobres, e por sua rapina fazem perecer aqueles que são inferiores em força e poder. Eles exibem constantemente o bem que fazem, mas jamais pensam no mal que cometem. Estas pessoas não caminham na própria presença, pois se estivessem na presença de si mesmas, veriam facilmente aquilo que fazem, e reconheceriam que o bem que fazem por um lado é totalmente arruinado pelo mal que cometem por outro, segundo aquilo que foi dito por um profeta: *O que ajuntou muitos ganhos, meteu-os num saco roto* (Ag 1: 6). Aquilo que se coloca em um saco furado, cai para fora, e é justamente isso que faz aquele que não age com sabedoria em seus negócios e que perde, por falta de reflexão, todos os méritos de suas boas ações pelo mal que cometem em seguida.

Outros são muito cuidadosos em vigiar a si mesmos naquilo que diz respeito à castidade do corpo ou em não fazer nada de que possa ser repreendido exteriormente. Eles se contentam do bem que possuem, não ambicionando aquilo que é dos outros; mas talvez eles guardem raiva de seu próximo no seu

coração. E ainda que esteja escrito: *Aquele que odeia seu irmão é homicida* (I Jo 3: 15), eles se contentam em se considerar como puros por fora, não vendo o quanto são cruéis por dentro. O que podemos dizer de um homem que se encontra neste estado, senão que ele não se encontra na presença de si mesmo, pois seu coração está cheio de trevas sem que ele o perceba. Outro, em verdade, não toma mais os bens alheios, e mantém grande cuidado em conservar seu corpo puro de toda sorte de imundície. Ele ama presentemente seu próximo com sinceridade e se lamenta muito diante de Deus pelos males que cometeu no passado. Mas ao terminar sua oração, ele recomeça a procurar os divertimentos do mundo, e deixa negligentemente seu espírito correr atrás de alegrias temporárias e passageiras. Ele pouco se preocupa que a satisfação que ele se dá ultrapassa a medida de seus lamentos, e abandonando-se excessivamente ao riso, perde aquilo que havia ganhado alimentando-se do pão das lágrimas. Este ainda não caminha na presença de sua face, pois não quer aplicar-se a considerar quais são as perdas que tem. Pois está escrito: *O coração dos sábios é onde se encontra a tristeza; e o coração dos infiéis é onde a alegria se encontra* (Ecles. 7: 15).

Aprendamos, portanto, com que circunspecção devemos considerar-nos a nós mesmos em tudo aquilo que fazemos, seja interiormente ou exteriormente, a fim de que imitando estes animais que têm as asas, estejamos sempre na presença de nós mesmos, e que caminhemos sempre diante de nossa face, pois temos um poderoso auxílio em Jesus Cristo Nosso Senhor, que é o Filho único do Pai, e que com Ele vive e reina na união do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amén.